

De barra a barra

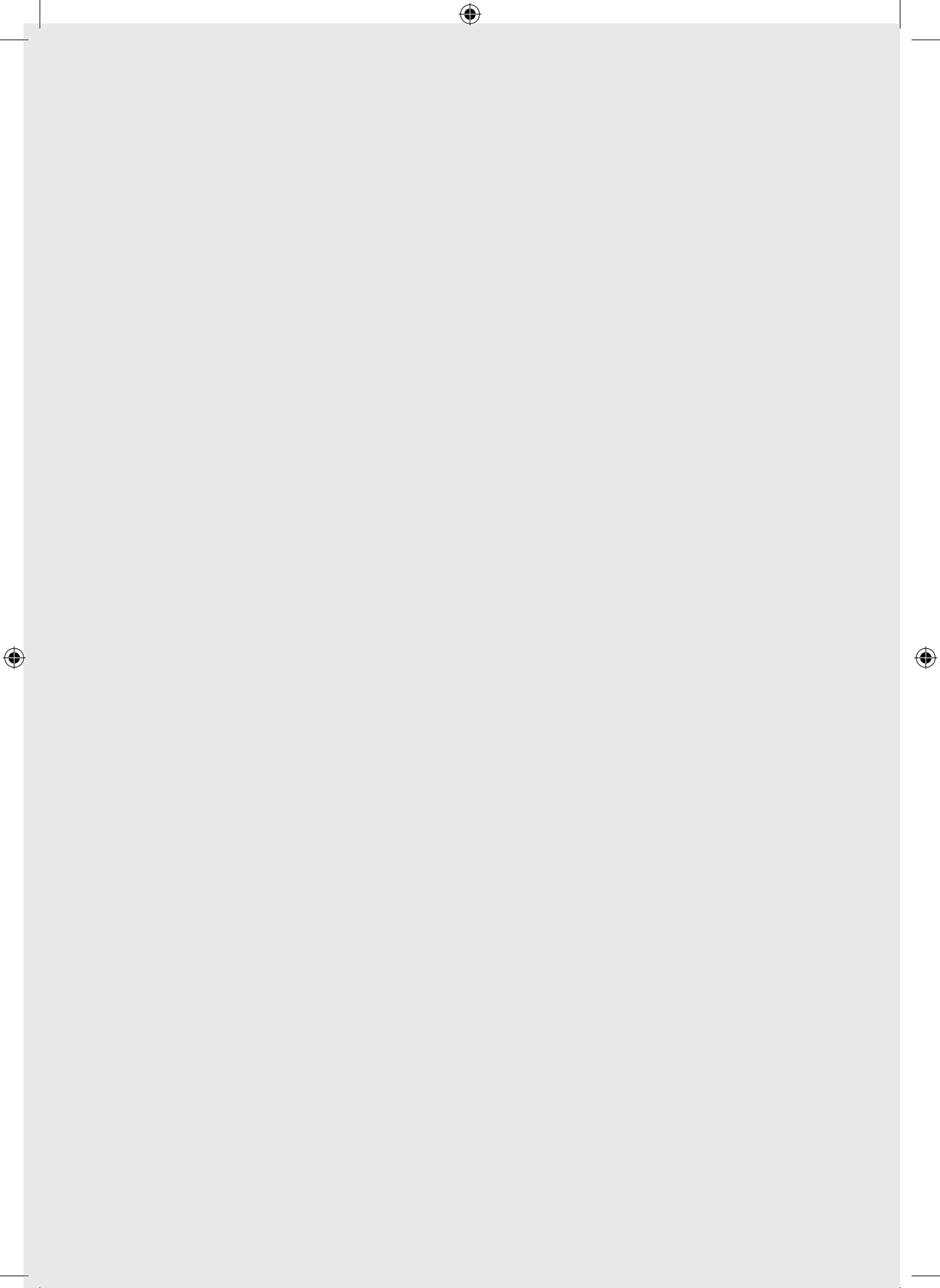
A zona costeira de Campos dos Goytacazes

A R T H U R S O F F I A T I



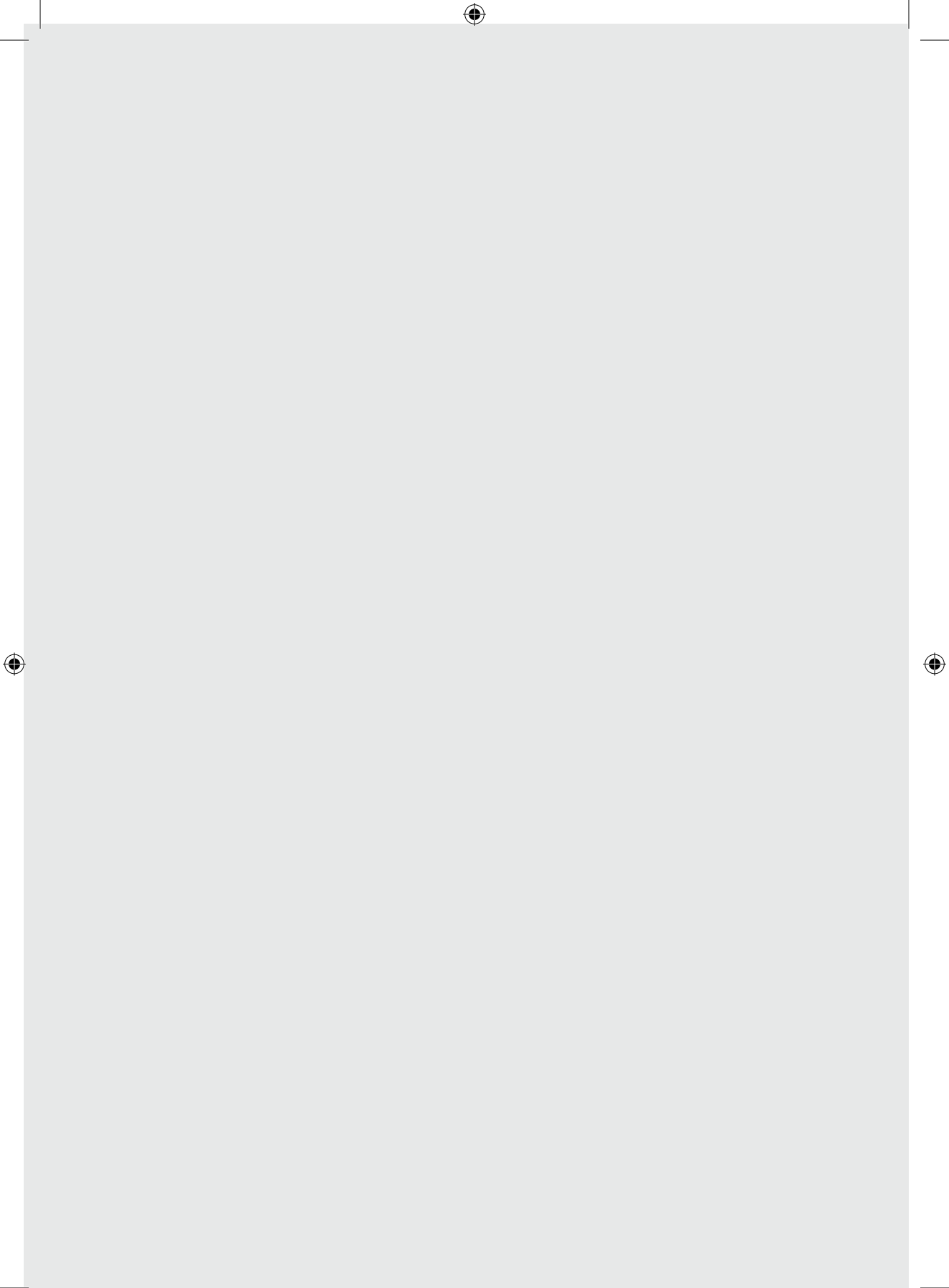
autografia

Q
tr
il
A
pe
le
N
li
de
es
de
ir
le
ar
de
ri
ge
so
de
R



Sumário

- 11** Prefácio
- 15** Preâmbulo
- 19** A zona costeira de Campos dos Goytacazes
- 47** Ao sul da lagoa Feia
- 69** A costa de Campos num antigo mapa
- 77** Um rio esquecido no Farol de São Tomé
- 89** Os manguezais do rio Iguaçu
- 95** Restaurando parcialmente o rio Iguaçu
- 101** Os quatro tempos de Barra do Furado
- 113** Dragagem e limpeza de canais de baixadas
- 123** O primeiro caminho da colonização do Norte Fluminense
- 133** Barra do Furado pelo olhar de uma escritora do século XIX
- 143** Referências



Quase em meio desta distância fica o célebre Cabo ou Ponta de São Tomé, chamado assim por ter dali passado sobre as águas do mar o apóstolo São Tomé, segundo afirmam algumas tradições dos índios, os quais em memória daquela maravilha milagrosa nunca esqueceram do lugar, chamando-o de Sumé com pouca diferença de Tomé. Manoel Martins do Couto Reis, 1785.



Prefácio

Arthur Soffiati vem se dedicando, nas últimas quatro décadas, brilhante e incansavelmente a pesquisar, registrar e nos contar a história ambiental dos ecossistemas litorâneos do Norte Fluminense e do extremo sul do Espírito Santo. As suas andanças, conversas, sua investigação, suas memórias, conferências, entrevistas, suas opiniões, propostas e, por fim, sua inconfundível escrita, podem ser apreciadas em mais de duas dezenas de livros e outras dezenas de textos que escreveu e continua escrevendo nesses anos de sua brilhante e fértil trajetória.

O presente livro, *De Barra a Barra - A Zona Costeira de Campos dos Goytacazes*, é o seu vigésimo terceiro título sobre o qual tive o enorme prazer de ler e reler antes do grande público. Para mim, a honra do convite de ser o prefaciador de tal obra deve-se ao fato de partilharmos o interesse comum sobre o que acontece em termos de dinâmica ambiental, paisagem, usos e atividades no litoral.

O livro traz uma historiografia ambiental do litoral campista. Faz sentido destacar a precisão e o cuidado do autor em absorver e narrar os fatos históricos desse litoral, desde os geológicos e geomorfológicos na formação da planície costeira (são ao menos 120 mil anos!) passando pela história social, que também é econômica e ambiental, de ocupação dessas terras, até as principais questões atuais que apontam para uma proposta de recuperação dos ecossistemas litorâneos visando o melhor aproveitamento para a sociedade. Neste aspecto, Soffiati cativa o leitor e sutilmente o sensibiliza para tais proposições,

usando para tal seu vasto conhecimento, a precisão de suas fontes e sua escrita estimulante.

De Barra a Barra comunica especificamente sobre os vinte e oito quilômetros da faixa costeira de Campos dos Goytacazes, maior cidade do interior do Rio de Janeiro. São vinte e oito quilômetros de um “cordão litorâneo”, como preferem os franceses e italianos, ou de uma “barreira costeira”, como preferem os americanos e australianos, que se eleva entre três e seis metros acima do nível do mar e tem a função natural de proteger as terras emersas do movimento oscilatório e incansável, ora calmo, ora bravo, do oceano Atlântico. Tal função protege o litoral das fortes ressacas de inverno mas também abriga ecossistemas com espécies pioneiras da Mata Atlântica, dá suporte às atividades tradicionais da pesca artesanal, às atividades de moradia, comércio e lazer de uma comunidade crescente. Este cordão de areias grossas e amareladas separa as terras planas e periodicamente alagadas da baixada litorânea campista da plataforma continental da Bacia de Campos, certamente áreas das quais o campista se orgulha ou deveria se orgulhar.

Ainda sobre esse cordão de areias grossas e amareladas, sobre o qual o leitor poderia caminhar livremente entre suas extremidades, além de separar o mar do continente, conecta entre suas extremidades sul e norte, duas belíssimas restingas, conforme narra o autor. A bem mais antiga das restingas inicia-se na Barra do Furado e segue para o sul desde Quissamã descendo até Macaé; é também a mais preservada e por isso a mais bela. Já a mais recente, é mais conhecida, mais ocupada e maior. Inicia-se desde a Barra do Açu e segue para o norte por toda a área de São João da Barra até São Francisco do Itabapoana, extremo Norte Fluminense. A bela história geológica, social, econômica e ambiental entre essas duas “Barras”, contada por Soffiati, é também a história das terras do litoral campista.

Soffiati mantém viva a corrente e o fluxo das águas do rio Iguaçu, um rio forte que em tempos remotos acompanhava toda essa linha de costa, drenava as cheias regionais, possibilitava a navegação e

abastecia com água doce toda a retaguarda do cordão arenoso, o Farol de São Thomé. Um rio bonito e importante, mesmo diante de outros corpos hídricos imponentes como a lagoa Feia e o rio Paraíba do Sul. Apesar de hoje esartejado, o Iguacu é um rio que Soffiati adora. O leitor lerá e terá essa certeza; possivelmente passará a adorar também. Em suas palavras:

Junto à praia, corria um rio que nascia na Lagoa Feia, recebia vários afluentes, atravessava a lagoa do Lagamar e engrossava bastante com águas que desciam do rio Paraíba do Sul em tempos de cheias, até desembocar no ponto hoje conhecido por Barra do Açu. Ali, do norte, ele ainda recebia águas do rio do Veiga. Ele já tinha o nome de Iguacu no século XVII, quando os Sete Capitães iniciaram a colonização contínua da região. Inclusive, ele foi tomado como limite norte para os domínios dos fidalgos, que se estendiam até o rio Macaé. O nome é tupi. I significa água e uacu (guaçu) significa grande.

Além de traduzir para o seu leitor as nuances da história geológica recente da baixada campista, Soffiati nos conta de forma preciosa a história dos ecossistemas de mangue (certamente seu ecossistema preferido), do emaranhado de canais fluviais, da restinga, das lagoas costeiras, do homem nativo, do homem colono. O autor parte das terras ocupadas pelos indígenas goitacás, passa pela chegada dos portugueses, pela divisão do território em capitâncias hereditárias e em sesmarias no século XVI, pela chegada dos fidalgos, conhecidos como os Sete Capitães, no século XVII, todos que andaram pelo litoral e exploraram esses ecossistemas e seus recursos. Além da ocupação o autor trata dos usos, das atividades, dos grandes e nem sempre eficientes projetos de drenagem, da ascensão da cana-de-açúcar, da pecuária extensiva e das transformações expressivas na paisagem até os dias atuais.

O autor conta essa história utilizando sua acuidade e o suporte de dezenas de imagens como ilustrações, fotografias, mapas e cartas, todas devidamente comentadas. Soma-se a isso uma coletânea precisa,

inédita e pessoal de mais de sessenta documentos e fatos sobre essa faixa específica do território campista. Tal livro é tanto uma fonte para quem gosta de uma boa leitura histórica, quanto para pesquisadores, estudantes, gestores públicos, moradores e demais interessados pelo litoral, ou por Campos, ou pelo Norte Fluminense. Uma leitura agradável, informativa e também uma referência acadêmica é o que o autor oferece nesta obra. Boa leitura.

Eduardo Bulhões

Universidade Federal Fluminense

Preâmbulo

Uma das mais antigas referências ao cabo de São Tomé e à costa que, historicamente, viria a ser incluída no município de Campos dos Goytacazes, deve-se ao famoso navegador e cartógrafo português Luís Teixeira em *Roteiro de todos os sinais na costa do Brasil* (Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1968). Ele escreve nesse documento sobre o cabo de São Tomé que ali

há uma restinga que entra dentro no mar 3 ou 4 léguas e é todo banco de areia e dar-lhe-ei aquele resguardo que me parecer que logo verei na serra de Santo André um pico muito alto como um castelo e este é o melhor conhecimento que se tem. Há muito bom mar para surgir, muito limpo de areias e assim mesmo fica da banda do nordeste uma montanha muito grande e muito grossa com um pico muito agudo e delgado todo. À orla do mar arvoredos de palmas e de outras maneiras de árvores.

A restinga dentro do mar é um banco de areia resultante do processo de erosão do cabo pelas fortes correntes marinhas. É estranho que Luís Teixeira não tenha reconhecido o cabo pelo nome, pois ele está assinalado e nomeado na sua carta de 1586.

Ultrapassado esse perigoso banco de areia, que posteriormente teria um farol para alertar os navegantes quanto ao perigo de um cabo que aparece no continente, mas tem uma parte oculta no fundo do mar, Luís Teixeira observa que “tereí aviso que me não prolongarei da